AMAZONAS | MANÁOS—Novembro—1931 | BRASIL

Ano I

Preço 1$000

Num. 3

ESPADAS CRUZADAS

NAS lutas constantes da vida, ha sempre uma vitoria final. "GAROTA" ainda não alcançou uma dessas honras, mas vai sempre caminhando e conservando garbosa á sua mão firme a espada guerreira, sempre cruzada a todas as laminas envenenadas da lida.

GAROTA tinha de aparecer. Crescer. E viver.

A sua aparição neste estado de melancolia revelou aos seus leitores o segredo da alegria.

GAROTA, no segundo numero, teve uma edição exgotada. Venceu.

Aínda uma coisa GAROTA tem sofrido. Alguns *amigos* não se conformam com este nome de GAROTA. Nome sem nenhum valor. Era melhor, dizem eles, que tivesse um nome politico, social ou patrio. Não. Si o nome de *garota* recomendasse mal, as nossas senhorinhas *chics*, magrinhas, de beicinhos vermelhos, não seriam apontadas pelos nossos jovens:—*Olha que garota alinhada*. Giria dos conterraneos desta revista.

Deixem, meus amiguinhos, este nome "Garota" que, se não é belo, pelo menos é interessante. Deixem, meus amiguinhos, esta revista toda melindrosa, tão querida, ir no largo balanço destas ondas hipocritas, alcançando a bonança, com o passar do tempo.

GAROTA segue vitoriosa ao revez do destino, até alcançar as vinte e uma estrelas da nossa flamula brasileira.

FOCANDO

Cinco horas da tarde em Manáos. Hora dos passeios. Saída dos cinemas. Portanto uma hora que muita gente pensa ser artista de cinema. Uma grande coleção de nossas *miss* já estava puramente convencida que Manáos brevemente seria segunda Holliwood. E então tod i garota cortava cabelos a Sue Carol. Agora passou a moda. Este negocio de só uma qualidade de artista não vae. Cada qual tenha seu nome predileto — Greta Garbo é o mais moderno. A mulher modelo. Corpo divinal. Sorriso encantador. Esta é a mais querida. A mais invejada. Mas ha uma coisa que preocupa as nossas artistazinhas. E' a indiferença dos galãs. Os nossos jovens não se preocupam em ser um Ramon Navarro, um Charles Farrell, um Edmond Lowe, etc. Póde ser que algum dos companheiros queira ser Charles Chaplin ou Haroldo Lloyd mas ainda duvido muito. E a atenção das nossas *misses* pelos figurinos da sena muda? Nenhuma perde um vestido para o proximo chá dansante do «Rio Negro», nem um chapéu para dar uma volta de bond nos Remedios as cinco e meia da tarde, nem um sapato de 1500 côres para se apresentar na estação aos domingos. O modo de falar, o andar, o olhar, tudo é imitado, tudo é estudado pelas artistas amazonenses. Aqueles supercilios finissimos de Nancy Carroll, o sorriso meigo de Janet Gaynor, a pôse de Norma Shearer, a cabeleira loura de Laura La Plante, estão representados muito bem nas nossas garotas. As amazonenses tambem sabem ser artistas. Os nossos jovens não querem saber disso. Quando muito imitam *Ben Hur* nas gatés: são remadores do Kuder . . .

Eu estava falando tanto em cinema e já ia me esquecendo do principal. Era a objetiva. Nós não precisamos deste aparelho por aqui, porque nossos *films* são desenhos animados. Qualquer um faz um risco muito fino e tem uma sobrancelha, depois pó de arroz, *baton*, *rouge*, uma fazenda estampada, dois riscos, uma pasta, pronto, uma artista . . Depois um pano molhado, esfregado no rosto, cabelos, unas, braços, etc . . eis uma garota das cinco horas.

PRINCIPE DAS FLORES

ESPUMAS ETHEREAS...

(Para as *garôtas*)

O EMBATE das vozes humanas nuvejam palavras, que se põem doidamente a trambolhar o caminho das cousas reaes, como o beicinho pintado de u'a moça...

São nuvens de nada rep esentando idéas; são idéas soltas fazendo hypocrisia; são a hypocrisia da gente trabalhando illusão; são a illusão da gente em metamorphoses... de realidade...

Quando me estendo no leito, e, de pyjama, subo os degráos de um imperio — sou o imperador do meu quarto —, e, olhando soberanamente um sapato empoeirado, me lembro da mundanice das *rosas* e do perfume das *mulheres*, — sou o Bartholomeu Gusmão das idéas, das concepções tolas do mundo... e vôu ás phrases da epoca, ás palavras irrisorias dos sentimentos humanos...

Descanço, ás vezes, no rosto encarnado d'alguma *menina*... Se me quero arrepender d'alguns peccados, atravesso o pó e o *rouge* e vou tropeçar em *pés-de-gallinha*, condoer-me em regiões *amarellas*... Ahi, onde a realidade se abafa, uma sombra avermelhada me cerca, e a estupidez do chôro me afeia o semblante. E me transformo na migalha do real, e no algodão da pureza...

Mas ás vezes, quando, de cima da cama, olho o infinito com os meus olhos de *raios X*, vejo palavras hypocritas *nuançarem* a minha vista, entretendo almas anemicas de humanos.

E conheço a palavra *amôr*, que corre doida, brandindo almas adolescentes, gerando a hypocrisia dos *amôres*... Quero, aos supapos innocentes da minha vista, espantal-a para as regiões ignotas... mas o Diabo, que apparece de repente, aspira-a e diz-me: — Deixa a aventura dos mundos, não mexas com o povoador dos Infernos!... Balzac, quando disse: *a vida do homem é a gloria; a da mulher é o amôr*, já saberia disto?

E o amigo Diabo sahiu pinotando prazeres no rumo dos humanos...

Djalma Moreira

JONAS DA SILVA

Escreveu para "GAROTA"

MATER AMABILIS

Recebera eu na vespera um chamado;
Compareci: ella sorriu, calou-se.
Pobre mãesinha do sorriso doce
E o olhar ha tantos annos apagado.

Tive um presentimento angustiado,
Senti que a Parca andava afiando a fouce;
Poucas horas depois morreu, finou-se,
Aos pés subira do Crucificado!

Teve uma vida santa e o agiologio
Quem lhe fará e ha de contal-o um dia?
Mas o que assombra em seu martyrologio

É que sendo uma eterna soffredora
Não blasphemava e ao succumbir sorria,
Como se a morte uma ventura fôra...

AVE MARIA

Toda de branco, ajoelhada, quando
Os olhos ergue no fervôr da prece,
Como que eu vejo em seu olhar á mésse,
Uma seara de luz astral boiando! . .

E a virgem, dum amor primeiro ao brando
Aceno, genuflexa, permanece,
Falla a Deus e lhe conta o que padece,
O seu auxilio, candida, invocando . .

Bemdita sejas, filha de Maria,
Que, nesta quadra negra de heresia,
Quando apenas o luxo audaz seduz,

Foges da terra e as azas entre-abrindo
Pelo infinito azul, vaes, anjo lindo,
A alma depor aos pés do bom Jesus.

H. VERIDIANO.

MEMENTO HOMO!...

Lembra-te, homem, que és pó e voltarás a ser pó!

(Ao espirito promissor de Lucio Fiuza, dedico.)

De que vale, mulher, o teu orgulho estulto,
a belleza que ostenta a carranca da face,
o corpo esvélto e heril colleando no insulto,
se todo esse esplendor material é fugace?

De que vale, mulher, esse aspecto soberbo,
o teu dinheiro vil e todo o poderio
que exerces sobre os mais, se no momento acerbo
nada podes levar com o teu corpo frio?...

Que vae restar de todo o teu gracioso porte
quando cessar no peito o coração perverso?
Que vae restar de ti quando, depois da morte,
teu corpo esvélto e heril á terra fôr submerso?

Os negros olhos teus, teus niveos seios virgens,
a bocca desdenhosa, esses sorrisos maus,
ha de tudo rolar, nas ultimas vertigens,
á eterna gelidez do tellurico cháos!...

Louca! teu corpo assim vibrando n'um apôdo,
será, amanhã, do verme a saturnal grosseira! . .
De ti,—que és carne e lôdo, ha de ganir, no lôdo,
a surda gargalhada hedionda da caveira!...

Mario Ypiranga Monteiro

Mãe...

—Lucifer!—embriaga minh'alma com o teu poder infernal, e, assim, faze que ella faça todas as diabruras do mundo,—mas não faças que eu, affrontando tudo, sacrilegue o nome de Mãe!...

O lar bem calmo .. Junto das varandas
Ramos cresciam. Era solidão.
E no infinito—nesse enorme vão—
Rezas de mãe—subiam venerandas...

O esposo infrene—em perdidouras bandas,
Deixára o lar e o amôr. Era o villão...
Creança linda—estava no colchão,
Em reboliço co'as mimosas andas .

Casára ha u' anno—moça e bem formosa...
Ao vêl-a hoje—quem que a não estranhe?!...
Apenas tem—divina e respeitosa,

Um nome sacro—que ninguem a arranhe:
E na missão de Maria, pezarosa,
Ella é o amôr, é santa, é tudo, é... MÃE...

Djalma Moreira

PORTUGUEZINHO DE LEI

DESEMBARCANDO em Paris na *gare* do Norte, se vem de *frente*, e na do *Quai d'Orsay*, se de Lisboa, o portuguesinho de lei procura o Silva por causa do passaporte, hospeda-se no *Portugal-Brasil*, onde é escandalosamente roubado e mal servido ou não se hospeda mesmo: dorme onde melhor lhe apetece e come onde melhor lhe calha.

Lava-se, farda-se, vai á manicure tratar das unhas e dar uns dedos . . . de conversa para, ao fim de segundos, *meter* convite a uma jantarada no *Poccardi, Arrigoni* ou *Maxim's*, segundo os capitais.

Depois instala-se no *La Paix* e *atira-se* ao armazem de carmim e pó d'arroz que tem na frente, na mesa do visinho.

E lá partirá com a dama para fazer em taxi a *via sacra* do *Bois* e a visita ao tumulo de Napoleão. Passa nas *Tulleries* e no *Hotel de Ville*, olha prá *Notre Dame* e entra no *Louvre, Printemps* ou *La Fayette* com o fito unico de *catrapiscar vendeuses* de quem o Sobral de cavalaria lhe dissera já *que eram boas como burro!*

A's 7 a pequena não o deixa; já lhe chamou até *mon loup* depois de certo beijo que lhe fizera umas cócegas dos demonios e a manicure espera o para jantar . . mas . . . mas vai jantar com as duas, leva-as ao teatro e, que demonio! sempre ha de encontrar camarada que se ocupe d'uma.

* * *

Passam-se dias e portuguesinho de lei (seja Manoel, Francisco ou Pedro, das mais velhas linhagens do reino ou da mais plebea condição) anda *lamecha de todo* com a manicure . . . a que o interessara menos á primeira vista.

Aquilo é que era uma pequena! Nem se pintava! Nunca lhe pedira um *sou!* Uma vez quisera comprar-lhe sapatos na *Rue Royal* e ela protestou logo: — Calçado no *Pinet!* do *Fayard* são o mesmo e muito mais baratos! De resto, não precisava. E era tudo assim . . . Ia busca-la ao atelier, á noite, e acompanhava-a todas as manhãs, ás oito e meia, com um frio de rachar pedras. Ao meio-dia almoçavam juntos.

Adoravam-se. Já tinham feito mesmo uma cêna de ciumes!

* * *

Corria o *ménage* neste mar de rosas quando soou a hora de partir de novo para a *frente*.

(Ela começou a chorar dois dias antes e ele não chorava com vergonha!)

Na *gare* beijaram-se muito:

— *Tu vas m'oublier, mon gosse! Ecris-moi beaucoup!*

— *Sûrement, sûrement, ma chérie, ma cherie, ma cherie!* respondia o nosso amigo.

O comboio largou. De Paris a Chantilly fumou nervosamente cigarros sem conta. Em Amiens a conversa com os camaradas, fôra uma esplendida cura; e, ao chegar a Hesdigneul, dizia já:

— Olha em que *sarilho* estava eu metido! Ia-a fazendo bonita! Se minha mulher soubesse?! . .

FELIX HORTA
Consul de Portugal

Grande concurso de "GAROTA"

PREMIO

Cel. Tancredo Cunha

O MAIS CHIC "MAILLOT" QUE VIRA' A MANAUS, SERA' O PREMIO DA VENCEDORA DO CONCURSO DE "GAROTA".

Breve será exposto na Casa "Colombo" um belissimo "maillot" no valor de 150$000, oferecido pelo Sr. Azevedo, proprietario daquele estabelecimento comercial.

A quem caberá o belo premio? Certamente a uma senhorita, (a uma Garota). E porque? A razão é simples.

A senhorita que melhor nadar na piscina do 27 B/C deve ter a honra de ganhar um premio. Este premio será o do concurso de "GAROTA", acima referido.

BASES DO CONCURSO

a)—Em lembrança ao fundador da piscina do 27 B/C o premio do concurso de "GAROTA" chamar-se-á Cel. Tancredo Cunha.

b)—Qualquer pessôa poderá enviar a qualquer frequentadora da piscina um ou mais votos, publicado nesta revista, a partir de hoje.

c)—A apuração do concurso será feita a proporção que os votos sejam enviados.

d)—Para não haver duvida sobre a apuração da votação, pedimos aos ilustres votantes a finesa de só enviar os votos em envelopes fechados.

e)—Os envelopes contendo os votos, devem ser enviados á redação desta revista, á rua Lima Bacury, nº 31.

f)—Só serão apurados os votos dedicados a senhoritas.

g)—No caso de empate, o premio será decidido por uma prova feita entre as proprias concurrentes.

"GAROTA" agradece este premio original e de valor, gentilmente oferecido pelo Sr. Azevedo, proprietario da conhecida Casa "Colombo".

BREVE SERÁ EXPOSTO NA VITRINE DA CASA "COLOMBO", O RIQUISSIMO "MAILLOT"

DR. ANGELO D'URSO

Defluio, no dia 14 do corrente a data genetliaca do ilustre dr. Angelo d'Urso, um dos mais distintos vultos da classe medica em Manáos.

Espirito sempre afeito á pratica do Bem e da Virtude, o conceituado facultativo que desfruta em nosso meio social de inumeras simpatias, recebeu por esse motivo farta mésse de parabens, inclusive os da GAROTA.

Qual a senhorita que melhor nada na piscina do 27 B/C?

Nome da votada

....

Assinatura do votante

....

HOMENAGEM

O sr. Lindolfo Collor, Ministro do Trabalho, ha pouco num dos hidroaviões da Panair, desceu ás aguas do Rio Negro, em visita a Manáos, para depois de poucas horas, levar dentro de sua alma as impressões roseas deste Amazonas virgem.

RETICENCIAS

DE

JOÃO NOGUEIRA

(Do meu caderno *"Memorias"*...)

CARLOS e ROBERTO, dois moços inseparaveis, amigos desde pequenos, conversavam num dos bancos da *Gonçalves Ledo*. Academicos de Direito, ambos primavam pela escolha do assumpto. Havia tanta intimidade entre os dois que o segredo de um não era desconhecido do outro. Resumindo, Carlos apaixonara-se ultimamente por uma pequena. Quando o amor desponta aos dezoito annos, queima, trucida, invade o coração com vehemencia; perturba o espirito e transforma o individuo. Semelhante ao veneno, infiltra-se em todos os orgãos e maltrata a propria alma. Fo ça mysteriosa; sem atenuantes. E si não encontra um obstaculo que a detenha, viola todos os dictames da consciencia. Carlos estava nesta situação perigosa. Não obstante os conselhos de Roberto, ponderações ajuizadas, conservava-se inflexivel. Nada o demovia deste prosito terrivel: amar, possuir a mulher que o enlevava. E Rosinha, menina e moça, não comprehendera tamanha dedicação. E neste ponto firmava-se Roberto para converter o amigo. Lembrava-lhe que, apesar de elegante, preparado, a pequena o esquecia sem consideração. Dessas exquisitices de mulher...

Pois bem, o assumpto era esse incorrigivel namoro. Falavam baixo, sem alteração, apesar de os argumentos serem fortes. Roberto procurava convencer o collega, dizendo-lhe:

—Esquece-a, Carlos. Procura o teu logar; reconhece que és homem. Repara que Rosinha é travêssa, doudivana, indifferente ao teu talento. Quantas mulheres encontrarás pelo mundo!

—Não concordo—retorquiu o apaixonado Carlos. Já lhe não exijo muito: apenas um sorriso. O sorriso! Sabes que é um sorriso de mulher? Conhecem-no os amantes. Uma promessa que allivia, uma esmola, ás vezes um perdão, que é vida de outra vida! Não comprehendes tu, porque o não ligas, nem amas. Entretanto, para mim, quanta cousa resume!

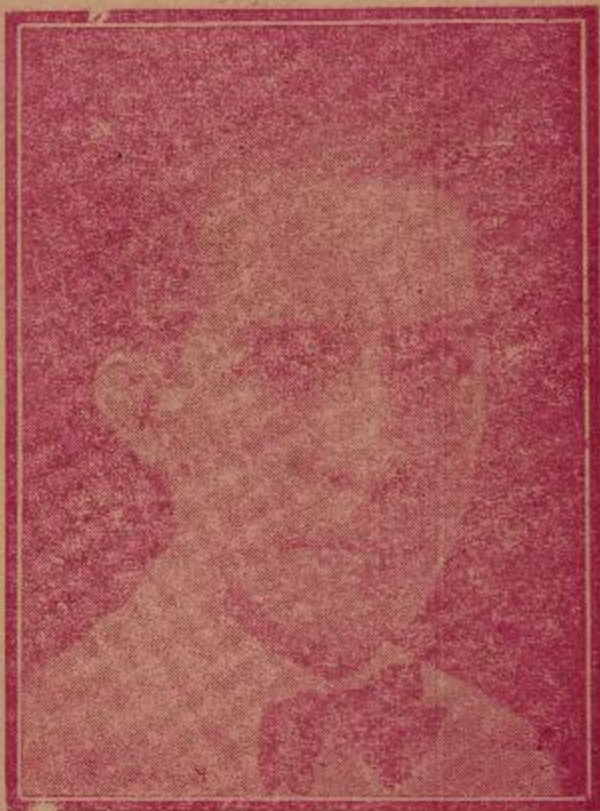
—Es academico de Direito, não ha duvida.

—Sim, porem logico e sem rodeios. O sorriso é a melhor demonstração de um coração bondoso. E o espelho da alma...

—Talvez fosse, rebateu Roberto com coragem, si não existissem as falsidades, os máos, que trouxeram ao mundo o castigo e a reprovação. Talvez fosse, si a hypocrisia...

—Questões de logica—atalhou Carlos, mais firme. Lenitivo aos que padecem, caricia, assentimento. Quando a mulher perdôa, ou promette fidelidade, sorri, e no sorriso entrega o coração. Quando a procuramos em toda parte, vaidosa ou feliz, agradece num sorriso. E tambem uma delicada evasiva, reconheço, quando se faz necessaria. E é tudo isto que Rosinha me nega! Quanto me offende o seu olhar severo e orgulhoso! Que lhe fiz eu? Si me odeia, porque me não diz a verdade?

—Enganas-te, Carlos. O sorriso pode ser traição. Esquece-a duma vez; és um moço educado. Não desanimes, agora que precisas de forças para reagir.

—Ouço que aconselhas com dedicação; a voz de minha consciencia te applaude; mas o sorriso de Rosinha me attrae. Não sei, não posso, nem devo esquecer semelhante creatura. Oh! o seu sorriso! Que anjo quando sorri! E dizer que uma pequena tão singela possue um coração de pedra! Hei de seguil-a, escudado em minhas convicções. E levantou-se como que revigorado, muito mais feliz do que nunca...

Professor Carlos Mesquita, catedratico de Inglez no Ginasio Amazonense Pedro II e director da conhecida e querida "AMAZONIDA". Um trabalhador e um vencedor. Um jornalista amigo e auxiliador de seus companheiros.

MULHER, HOMEM... E DIABO

FILOSOFIA RUDE

DE

A MULHER. A coisa mais comum da nossa vida. O homem. O simbolo de todas as forças. O mais aperfeiçoado animal da terra. O mais viciado ser pensante da natureza. E o diabo? Porque hei de falar agora no *diabo?* Por ventura viverá ele com o homem? Ou com a mulher? Não. Para o diabo existir é necessario as duas cousas: o homem e a mulher. E porque? Terá algum parentesco, o diabo com o homem ou com a mulher? Nenhum. O diabo (para mim) não é o *Mephistopheles* do *Fausto*, nem as *serpentes do Inferno* de *Dante*, nem ainda *Cerbero*, cão de trez cabeças, guarda do Inferno. O diabo não é esta figura horrenda de bigodinho fino, chifres e tridente, largando fogo pela boca.

Dizer que a tentação é o proprio *diabo* é mentira. Quando os primitivos homens tentaram alcançar o céu por meio da torre deBabel, não foi o *diabo* quem os castigou, foi Deus. Não acredito que Adão comesse do fruto proibido aconselhado pelo *diabo*, transformado em uma cobra, pois, se assim fosse, ainda as cobras nos tentariam hoje. Quando Saturno comia seus proprios filhos, seria por obra do *diabo*? Não. Era a sua fome que assim determinava. (Na mitologia não havia comida)... Era possivel que no corpo de Nero, Imperador Romano, estivesse encarnada a alma do *diabo*? No Paraiso Perdido de Milton o *diabo* não passa de um anjo máu e tentador...

Emfim, para mim o *diabo*, tambem chamado demonio, satanaz, cão, peste, etc., foi instituido pelos homens antigos, creadores de lendas, que com suas inteligencias deixaram creações tais que nós outros jamais deixaremos ás futuras gerações.

Dizem que o inferno é feito de fogo. Eu digo que não. Existe o celebre e perigoso raio que parte do ceu (como todos nós sabemos).

Nada destas fantasias e pinturas, afirmam o diabo á semelhança do homem, com linhas monstruosas. Ninguem poderá dizer de que proveiu satanaz...

Agora, que já disse alguma coisa a respeito da existencia do diabo, posso tambem formar a minha idéa. O diabo, meus senhores, é o seguinte:

Quando um homem, verdadeiramente homem, aproxima-se na distancia de um palmo de uma mulher bonita, entre um rosto e outro, nasce invisivelmente uma rede de tecido abstrato, produzida pelo olhar masculo e magnetico do homem, combinado com o aperfeiçoamento vaidoso do rosto polipoerento da mulher moderna. Esta quantidade de poeira antihigienica, ordinariamente rubra e gordurosa, com a atração do olhar masculino, coloca-se a meia distancia dos dois (do homem e da mulher), e forma a rede invisivel chamada *tentação*. Si o homem ou a mulher tocar um rosto no outro, a *rede tentação* desfaz-se e parte da poeira perniciosa aloja-se, bestialmente, no rosto quasi sagrado do homem. Um homem envenenado pela tentação de uma poeira... Um homem estocado pelo tridente mental do diabo desconhecido.

Assim, temos idealizado, o tão falado diabo, que sempre viveu de uma fumaça ou de uma poeira, aos olhos maldosos do homem e da mulher.

Dr. Francisco Donizetti, conhecido medico e cavalheiro muito distinto. Só tem um defeito: *é muito serio.*
(Lapis de Lucio Fiuza)

LUCIO FIUZA

Especial para GAROTA

HISTORIA DE UM INDIO

Por AGACÊ

PESADAMENTE o manto da noite envolvia S. José.

Nem a praia dourada da outra margem, nem o prateado das aguas do rio se podiam ver.

Tudo era escuridão! Em tudo pesava sinistramente o negror do isolamento.

A's vezes, perdido entre o silencio da noite e o suave rumor das aguas, rolando sobre a areia, ouvia-se o pio de uma coruja ou o papapá de uma colhereira.

Uma lamparina alumiava o interior da cabana e fóra, no terreiro, da banda do rio, cismava o velho André, a cabeça pendida para traz e os olhos mirando a alma.

Morava só, aquelle bugre velho, e a saudade de sua juventude.

A sua historia é triste; e na tristeza dela é que ele buscava o conforto, o encanto da solidão em que vivia.

São tão diversas as causas do prazer que até na dôr ha quem n'o encontre.

* * *

Naquela noite triste, triste como a vida que ele viveu, o caboclo revia mais uma vez o filme de recordações que se desenrolava na sua imaginação:

Via-se pequeno, de arco na mão, plumas esvoaçantes na cabeça, tanga multicor a pender-lhe da cintura, em busca de rolinhas e cotias. Depois, na juventude, mais forte, mais viril, a correr pelas montanhas a caça do veado, ou pelos campos a arrebanhar o gado. Mais tarde, submetido á prova de guerreiro, meteu a mão no formigueiro, e, foi reconhecido homem.

As formigas picaram-lhe as mãos e elas incharam, porem, curadas, voltaram ao estado normal.

A prova de fogo foi a que o venceu. As chamas queimaram-lhe, não as mãos, mas a alma, era o fogo do amor.

Apareceu-lhe Irá, com um sorriso de anjo e um olhar de demonio, que escravisou-lhe o coração.

O fogo da paixão ateou-se-lhe no peito e ele amou Irá.

Desse amor gerou-se Anaema.

Irá foi a roseira do jardim de sua vida e Anaema a linda rosa que o embalsamou.

Enlevado na felicidade ia André pela vida como veleiro que singra aguas de manso lago.

* * *

Já o sol descambava por detraz da mata, como indicando-lhe a tapéra onde esperavam-no esposa e filha, e o indio, o peito altivo e a cabeça altaneira, pensava quantas vezes o rei do universo passaria por sobre si sem que podesse estreitar ao peito os entes queridos. Ainda muitas vezes viria a noite estender o seu funebre manto sobre os campos verdes e, outras, a lua clarear ás caladas da mata e dourar o capim. O seu olhar estendia-se pelos campos verdes até perder-se por sobre os topetes das arvores incendiados pelos ultimos clarões do dia.

Começava a arrochear-se o campo e a floresta, quando de subito, virando-se para traz e investigando o horizonte, viu, como fantasmas que se aproximassem, homens brancos.

O horror instintivo, que o selvagem nutre pelo civilisado, fustigou-lhe os nervos. Poz-se em louca fuga. O seu corsel voava e após ele os dos caçadores de indios. Já a grande distancia haviam ficado os perseguidores quando inesperadamente o cavalo amunhecou. Na meia escuridão do crepusculo o pobre animal ao saltar por sobre um "cupin", falseara e "torsera a pata". Estava inutilizado por algum tempo.

André tentou escapar, correndo, porém os brancos ganharam terreno sobre ele, e, depois de encarniçada luta, prenderam-no.

* * *

Passou a ser xaqueiro de S. José, onde o chamaram André.

Sob a indole docil do indio, deixou-se ficar entre os civilizados e civilizou-se.

Uma cousa porem o acompanhava sempre: era a saudade, o mal que faz bem e o bem que mata, o lenitivo de sua dôr e o fel de suas alegrias.

Depois de ganhar a confiança do patrão, conseguiu licença para visitar a sua gente.

Pensava ele em trazer sua filha e Irá para junto de si. Não o fizera antes por temer que fossem maltratadas.

A roubar dos entes queridos a liberdade, preferia a dôr de viver longe deles. Agora, porem, que já havia ganho a estima e consideração dos patrões não duvidaria em traze-los para junto de si, e te-los ao aconchego de seu peito.

Construiria uma palhoça e Irá plantaria uma roça auxiliada por Anaema.

* * *

Quando os primeiros raios do sol vieram anunciar a proximidade do dia, já ele corria em busca das plagas onde nascera.

Depois de correr por campos, vales e montanhas chegou á sua "maloca". Os seus irmãos haviam abandonado-a.

Foi ao seu taperi e não encontrou vivente.

Já pensando na morte de algum dos que estremecia, correu ao mais proximo e encontrou Irá agonisante.

Que cruel destino o de André. Depois de tantos anos de infortunio, quando vem novamente em busca da felicidade, a morte com a sua foice, ignominiosamente lh'a arrebata.

Abraçou a amante que contou-lhe haver Anaema morrido e, como era do rito de sua tribu, depois de depositarem o seu corpo e objetos que lhe pertenciam em vida, ao centro do taperi, os outros abandonaram suas habitações e á ela que não quizera acompanha-los na fuga ao contagio.

Havia ficado só, velando pela filha e esperando pelo amante inolvidado.

Morreu Irá! E, André chorou a sua morte!

Depois de confiar o objeto de seus amores á terra que lh'o dera, voltou para S. José onde construiu sua palhoça á beira do rio.

E alli, longe de tudo e esquecido de todos ele vem todas as noites, olhando as estrellas ou mirando a lua, reler o romance que imprimiu em sua alma.

Um naufragio em sonho

OUÇO da pendula do relogio o monotono tic-tac que marca o pingar do tempo no grande reservatorio da eternidade.

Soam as doze badaladas da meia noite.

Deitado, procuro de todos os modos dormir, ora virando-me para um lado ora para o outro, mas não o consigo.

Levanto-me de um modo desesperado, dirigindo-me á janela para tomar um pouco de ar.

Bocejo. O sono começa a vir. Deito-me e adormeço.

Que agradavel noite de sonho me esperava.

Sonhei que embarcava num transatlantico alemão que se dirigia ao porto de Havre. A minha convivencia com aquelas creaturas que uma vez pronunciavam frases em um português goticisado e outras vezes em alemão, tornava-se prazenteira.

O passadio de bordo era o melhor, todo o conforto, esplendidas acomodações, emfim quasi tudo o que desejavamos tinhamos.

Após cinco longos dias de viagem de mar, lá muito tarde da noite, quando todos os passageiros repousavam em seus leitos, ouviu-se um forte ruido que acordara em espantos os passageiros do vapor.

Gente, mais gente saia dos camarates em trajes particulares, indagando, naquele a[illegible]ero idioma, o qua havia sucedido. O navio atravessando um espesso nevoeiro, batera sobre uma rocha e, a agua com uma furia tremenda, começara lentamente a penetrar no porão.

Imediatamente, todos os esforços foram empregados para conseguir fechar o rombo, pelo qual a agua cada vez entrava mais. Porem, todo trabalho fora inutil, a agua avançando furiosamente estava prestes a cobrir o segundo convés.

O comandante com a sua voz tremula e forte, ordena bruscamente : preparar os botes salva-vidas para serem lançados ao mar, que com toda a sua furia parecia revelar algum misterio.

Depois desta ordenação fez-se ouvir o ranger das cordas dos escaleres.

A aflição á bordo era tremenda; queriam todos de uma só vez descer ao mar num só escaler. Todavia, o comandante que do seu posto presenciava o desenrolar das ocorrencias, ordenou grosseiramente: "Primeiro as mulheres e creanças, por ultimo os homens".

Então com muita dificuldade desce o primeiro bote ao mar.

Gritos de socorro de todos os lados preenchiam o espaço. Não havia nada que viesse acalmar os espiritos daquelas pobres creaturas.

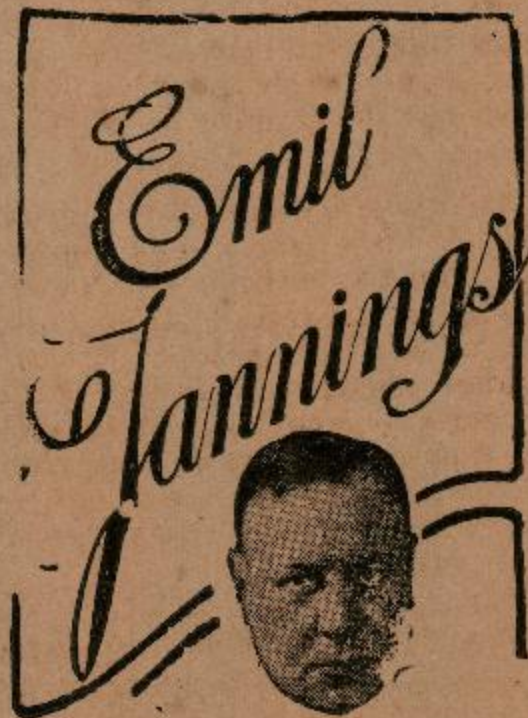
Os marinheiros levavam as vitimas daquela catastrofe, como se fossem pesados fardos de mercadoria. Emfim o segundo bote é lançado ao mar, depois o terceiro, depois outros até que todos se acham a salvo.

O navio completamente destroçado vae lentamente sendo tragado pelas aguas do mar.

Houve um momento de silencio, e neste espaço ouviu-se um tripulante dizer: "Salve-se, comandante ! Salve-se !"

Após esta frase ouviu-se a conhecida voz do comandante que dizia: "Ele é meu e com ele irei para as profundezas deste oceano, percorrer os seus misterios.

Desapareceu o navio e deixando por alguns minutos a marca espumosa, borbulhando, no logar onde se havia passado aquele tragico espetaculo, que em sonho era por mim presenciado.

CANDIDO ROSARIO

NOTA

Faço chegar ao conhecimento dos bons comerciantes e dos amigos em geral, a não pagarem qualquer conta, apresentada como dividas de anuncios ou outra qualquer coisa publicada na revista GAROTA, sem a devida assinatura do diretor da mesma.

Em Novembro de 1931.

LUCIO FIUZA

Diretor-proprietario da revista GAROTA

Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato

E-mail : acervodigitalsec@gmail.com